

# Relações de encontro, diálogo e crescimento

Prof. Cláudio Ludgero M. PEREIRA<sup>1</sup>

*O presente artigo trata dos conceitos fundamentais do "diálogo" de forma como aborda Martin Buber, considerado o Filósofo do diálogo e o precursor da Psicologia Dialógica, enveredando para algumas categorias essenciais que lhe completam e dá forma, como o homem e a totalidade do homem, o interhumano e o indivíduo.*  
*Palavra chave - diálogo, homem, totalidade do homem, interhumano e indivíduo.*

## 1 - Martin Buber: O "Filósofo do diálogo"

A opção por Martin Buber, em especial, para embasar meus estudos decorre por um lado, de que em minha própria opção pessoal de vida, adoto uma visão e atitude filosófica voltada para esta abordagem, pois há mais de 07 anos, atuei como supervisor de estágio em Psicoterapia Clínica e atuo ainda, como psicólogo clínico e professor de ensino superior, fundamentado em princípios existenciais e fenomenológicos.

Percebo através de leituras, que Buber à semelhança de Soren Kierkegaard (1813-1855), lutou, pensou e escreveu para o indivíduo, para o homem disposto a sair da massa, do seu próprio egoísmo, mas não para permanecer no isolamento, e sim para engajar-se na vida do diálogo.

O diálogo, neste sentido mostra-se como categoria presente e mediadora em todas as formas de relações humanas possíveis. Dentre elas, particularmente nos interessa as formas de relações desenvolvidas no âmbito do processo ensino-aprendizagem e da vivência do professor universitário, como por exemplo, professor-aluno, aluno-aluno, aluno-grupo, professor-grupo e professor-professor, abrangendo a temática de estudo do presente trabalho.

De tradição hebraica, Martin Buber (1898-1965) foi criado pelo avô Salomão Buber, e foi admirador de Nietzsche, estudioso da arte, Psicologia, Psiquiatria e Sociologia. Entrou para a universidade de Viena em 1896, matriculando-se no curso de Filosofia e História da Arte. Viena era o exemplo típico de uma cultura aberta a toda a sorte de influências, oriundas de diversos meios intelectuais, contribuindo para tornar Buber um devoto da literatura, da filosofia, da arte e do teatro. Foi aluno de Dilthey e G. Simmel em 1901, na universidade de Berlim e, em 1904, recebeu, ainda em Berlim, o título de Doutor em Filosofia. De 1916 a 1924, Buber foi editor do jornal "DER JUDE, no ano seguinte foi nomeado professor de História das Religiões e Ética Judáica na universidade de Frankfurt. Destituído do cargo em 1933

pelos nazistas, permaneceu em Heppenheim até 1938, ano em que recebeu convite da universidade hebraica de Jerusalém para lecionar Sociologia.

Suas pesquisas se intensificaram e através de intensa atividade intelectual, Buber estudou e se aprofundou em diversas áreas, principalmente sobre a Bíblia, o Judaísmo e o hassidismo; estudos políticos, sociológicos e filosóficos, morrendo em Jerusalém em 13 de junho de 1965.

Enfrentou toda a pressão e perseguição nazista e trabalhou as idéias de filosofia social em muitas obras de teor político-religioso e psicológico, como por exemplo; "A cura a partir do encontro sob inspiração junguiana", "O diálogo autêntico e as possibilidades da Paz", "Elementos do diálogo humano", "Encontros", e por isso merece ser cognominado o "filósofo do diálogo", por considerar em toda a sua obra os problemas reais, que acometem o homem como totalidade, que pode tornar-se consciente de si, se abordar a situação concreta que experimenta. "Marcel emprega o termo 'plenitude' para caracterizar a personalidade e a existência de Buber, cuja magnanimidade surpreendia desde o primeiro encontro. Olhar profundo, que parecia tocar a intimidade de seu interlocutor, mas que sabia acolher na simplicidade e na fugacidade de um diálogo." VON ZUBEN (1977, p.15)

Para Buber, a filosofia e o filosofar são atos de abstração que nos separam da concretude da existência vivida, distinta oposição à abordagem da antropologia filosófica que tenta abordar o fluxo concreto da vida partindo de seu interior, «...diz Buber referindo-se a abordagem antropológica, permanecendo na praia contemplando as espumas das ondas. Deve-se correr o risco, é necessário atirar-se na água e nadar'. (Cfr. O problema do homem, página 18 da tradução francesa). VON ZUBEN (1977, p.18-19)

O verdadeiro filósofo, o que vê os problemas reais, é mais sábio que os demais, consegue ver o todo onde os

<sup>1</sup>Professor da UEPA, pós-graduado em Psicologia, Metodologia do ensino superior e em Planejamento educacional, Mestre em Educação.

outros vêem retaliações, rupturas e parcialidades. Além disso, sabe que a verdade, a liberdade, e a justiça são descobertas pessoais, significações subjetivas, onde cada um poderá ser subsídio aos demais e não, determinação ou verdade. Nessa posição existencial-fenomenológica, qual seria o papel e função do indivíduo? A tarefa principal do indivíduo, realmente consciente de sua vocação de homem consiste não na preocupação com sistemas racionais e sim em alcançar a auto-realização autêntica, mediante decisões firmes e responsáveis. Este apelo para decisões livres e responsáveis, dá à existência seu conteúdo, e ao existencialismo seu ponto de enfoque.

No dizer de Buber, *"...não tenho ensinamentos a transmitir. Apenas aponto algo, indico algo na realidade, algo não visto ou escassamente avistado. Tomo quem me ouve pela mão e o encaminho à janela. Escancaro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas lidero um diálogo."* (1974, p. LXIX)

Nas obras de Buber constata-se um profundo compromisso com a vida só realizada e confirmada na concretude do dia-a-dia. Esse compromisso levou-o a uma postura um tanto céptica e de reserva frente aos sistemas filosóficos.

O estágio mais completo e maduro da filosofia do diálogo de Buber é representada pela obra "EU E TU" (1923) ele próprio considerava-a sua obra mais importante, onde lançou suas idéias que persistiram em toda sua obra literária. Em suas obras algumas categorias de reflexão se sobressaem das demais e estão mais direcionadas e apropriadas para um estudo das relações interpessoais, e se constitui no meu particular interesse como pesquisador. Algumas categorias, como por exemplo, o diálogo, o indivíduo, o homem, a totalidade do homem, o interhumano e entre homens, dadas suas complexidades, merecem reflexões e destaques específicos.

## 2 - O diálogo

Para que aconteça o "diálogo" é necessário uma disponibilidade mútua só possível numa conversa genuína, num relacionamento verdadeiro entre uma pessoa e outra, entre pessoa e coisa, entre EU e TU. A pergunta "o que é o homem?" só poderá ser respondida se incluírem os conceitos de experiência e de diálogo, uma experiência vista como uma atitude ou posição fundamental do homem em relação ao mundo externo. Pode-se ter uma dupla posição: EU-TU ou EU-COISA. Tanto a atitude EU-TU, como EU-COISA, podem existir entre homens e entre homens e coisas.

EU-COISA é uma posição objetiva, típica do pesquisador, do cientista tradicional. EU-TU é uma atitude pessoal, é um diálogo, opondo-se ao monólogo, uma maneira de

aprender e aprofundar toda uma forma de experiência possível. O que distingue a relação EU-TU da relação EU-COISA? Na primeira, é o modo existencial, a atitude de engajamento; na segunda forma uma atitude destacadamente objetiva, impessoal e de alienação.

O homem, existencialmente falando esta engajado num verdadeiro diálogo com o mundo e não num monólogo. Kant (1724 - id...1804) já havia apontado para isso, referindo-se ao tratamento pessoal-humano, tanto dirigido a si mesmo quanto aos outros, de forma que seja sempre e ao mesmo tempo como um fim, e nunca como um meio, o encontro com o outro como totalidade e não apenas como um limite elemento dentro de uma relação. Não utilizar o outro como um instrumento de consecução de suas finalidades, basta a finalidade do momento que se apresenta, do viver o aqui-agora.

Buber, quando se refere à palavra princípio EU-COISA, refere-se também ao homem despersonalizado, o homem moderno, submetido à tecnologia e seus artifícios, imerso em uma relação coisificada e coisificante, relação oposta à mutualidade, à relação de amor, por exemplo, isenta do sentimentalismo, onde o TU signifique um terceiro elemento numa transcendência de dois "EUS".

No casamento, assim como em outras formas de relação (pai-filho, professor-aluno, patrão-empregado) podemos observar as duas formas de relação, tanto *eu-isso* como *eu-tu*. O que, então, evidenciará suas diferenças? Evidenciar-se-ão essencialmente na qualidade da relação exercida e o critério de boa ou má qualidade de uma relação resulta do exercício da evidenciação das diferenças, o que só pode ser alcançado através da constante busca e vivenciação de relações EU-TU. É fundamental a distinção para que haja amor, pois posso amar somente ao que realmente se diferencia de mim.

Com a experiência me distancio do TU, somente confirmo o TU, quando em relação com a palavra princípio, *"...do mesmo modo o homem a quem digo tu não encontro em algum tempo ou lugar. Eu posso situá-lo, sou aliás, obrigado a fazê-lo constantemente, mas então, ele não é mais um tu e sim um ele ou ela, um isso."* BUBER (1974, p.10)

A relação EU-TU é existencial, refletindo a atitude de encontro, de compreensão e acolhimento do outro. É imediata e confirma-se em uma totalidade que não pode ser realizada somente por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O EU se realiza na relação com o TU; é tornando-me EU que digo TU.

Existencialmente, a relação EU-ISSO está em um nível mais baixo humanisticamente falando, do que a relação EU-TU. Paradoxalmente, não podemos prescindir de nenhuma das duas formas de relação. Da mesma maneira que, restringirmo-nos a um tipo de relação EU-ISSO, restringemos proporcionalmente a condição de ser homem como uma totalidade.

Quotidianamente, é comum esquecermos de nós mesmos e mergulharmos na labuta da condição mecânica de vida. Conscientemente, e sensivelmente sentimo-nos mal, insatisfeitos, organicamente doentes, sufocados, angustiados e ansiosos. Algo emerge e nos acomete a cada passo perguntamo-nos: o que realmente eu quero? Mas temos medo que nosso eu apareça; é como o medo de tomar um gole de cachaça e perder o controle, fugir do previsto e do externamente aceitável e se deparar com o novo, o ainda não apreciado e aprovado. O exemplo inverso, também é peculiar e oportuno, pois podemos também nos afogar no vício e na superficialidade, para não nos defrontar frente a frente com nossas limitações.

Nossas relações se dão em três níveis ou esferas segundo Buber. A primeira é a relação entre o *homem e a natureza*. Posso apreender uma árvore, por exemplo: classificá-la numa espécie e observá-la como um exemplar de um tipo de estrutura e de vida. De outro modo, posso, por vontade própria ou graça, entrar em relação com ela, mas deixando de vê-la como *isso*, como quando sentimos determinado afeto ou significado pessoal e que acabamos por nos distinguir referencialmente como seres vivos. Não devo renunciar a nenhum dos modos de consideração, tudo que pertence a árvore esta incluído nessa totalidade.

A segunda esfera relacional, dá-se entre o homem e o homem, onde da mesma forma pode ser tanto uma relação do tipo EU-ISSO como, por exemplo, quando vejo o outro na concepção de um cientista tradicional, isto é, meramente um objeto a ser estudado, categorizado, isolado de seus contextos, classificado e, por que não dizer, manipulado e controlado pela força dos interesses e das pressões tecnológicas do mundo moderno. Esta segunda esfera relacional pode ser do tipo EU-TU, relação que busca incorporar a totalidade, promove a individualização e ao mesmo tempo a intersubjetividade. Supera a condição pré-humana do reducionismo objetivista e do cientificismo, buscando atingir a condição genuinamente humana de imperfeição, incompletude e vontade inata de ser mais.

A terceira esfera de relações possíveis situa-se entre o homem e os seres espirituais, seres transcendentais caso sejam vistos também a partir da palavra princípio EU-TU como, por exemplo, o próprio Deus, criaturas ou entes, que permanecem em mistério á luz da "ciência" mas não ousamos negá-los enquanto verdade em nossos "encontros", podemos nos relacionar com eles também nas duas formas de relação das palavras-princípio. A aproximação com eles, se ultrapassada a condição limitante do fato ou do passado, gera o ser e sua atualidade, um TU e sua alteridade.

Uma característica fundamental que não pode ser excluída é a brevidade da relação EU-TU, em todas as possíveis esferas de relação, por mais exclusiva que seja a relação vivenciada e tão logo seja impregnada de meios, torna-se inclusividade, submissa a medida e a limitação, como bem diz o próprio Buber, (1974, p.19).

*"...A contemplação autêntica é breve; o ser natural que acaba de se revelar a mim no segredo da ação mútua, se torna de novo descritível, decomponível, classificável, um simples ponto de interseção de vários ciclos de leis. E o próprio amor não pode permanecer na relação imediata; ele dura mas numa alternância de atualidade e latência..."*

Essa dinâmica é pouco nítida enquanto processo, pois se entrelaçam profundamente e confusamente em uma dualidade. Objetivamente posso afirmar que cada coisa no mundo pode ou antes ou depois de sua objetivação aparecer a um EU como seu TU, porém essa afirmação objetiva é apenas uma parte reduzida de um todo complexo processo, inerente ao verdadeiro processo de vida.

### 3 - O indivíduo

A respeito do indivíduo, Buber tem o mesmo conceito de outros autores fenomenólogos, de que a existência está encarnada na categoria do indivíduo e que ao distinguir-se da massa assume sua existência, sua auto-responsabilidade e engajamento no mundo. O indivíduo enquanto categoria existencial, significa distinção, liberdade, singularidade concreta, o contraste à massa e à massificação. Tornar-se indivíduo significa a obtenção de vida própria, uma existência concreta e pessoal. O homem quando não puder dizer EU, deixa de existir como indivíduo. Quantas vezes já ouvimos frases como estas, *"minha vida não tem sentido algum..."*, *"...viver em função do outro, é como se não estivesse vivendo..."*, *"...precisamente urgentemente me encontrar, é como se eu não existisse..."*

Existência possui vários conceitos dependendo do significado filosófico adotado pelo autor, mas sua origem vem do latim EK-XISTIR, onde ek, significa estar aberto para o outro, confirmando-o em significado e existência. Assim como, a existência, existir é escolher e apaixonar-se pela escolha, o indivíduo designa-se ao homem que existe por escolha, exercendo a vontade de liberdade que lhe é categoria existencial profunda. Pensar a existência é pensar um paradoxo, mantendo-se na permanente tensão entre a finitude e a transcendência.

Outro conceito fundamental para a compreensão do indivíduo e existência é o de *alteridade - o outro*. Para o tornar-se indivíduo, a alteridade é imprescindível, é a distinção pela qualidade, pois trata-se de afirmar a diferença entre homens e homens e entre homens e coisas e seres inteligíveis. O outro extremo, o do individualismo, é paradoxalmente o esvaziamento do ser, evidenciando que o isolamento não proporciona a exclusão pela falta do outro.

O indivíduo sem o outro e sem, por conseguinte, alteridade, torna-se um fracasso existencial. A verdade está no subjetivo do ser existente; a objetividade é apenas uma incerteza que o subjetivo é capaz de apreender. Não há como, e já se mostrou desastrosa, a tentativa de identificar a proposta de individualidade da filosofia antropológica com o

individualismo competitivo que tem caracterizado nossas civilizações contemporaneamente.

#### 4 - A totalidade do homem

O sentido que é fornecido por Buber na categoria sobre a totalidade do homem, envolve o que chamamos de dia-a-dia ou o cotidiano. O homem só pode ser concebido enquanto ser existente no seu todo e no presente se o considerarmos na atualidade de seu cotidiano e como ser “normal”. A totalidade do homem está intrinsecamente ligada a outra categoria particular da filosofia existencial<sup>2</sup>, que é a “temporalidade”. Autores existencialistas, através do termo de temporalidade, introduziram nas várias áreas de estudos a dimensão do presente, do momento, e da sua dinâmica do aqui-agora, com todas as suas implicações imediatas pessoais, sociais e culturais.

À experiência imediata, entenda-se o “normal”, não a plenitude do ideal, mas sim o do real, que envolve todas as possibilidades de ser no mundo, desde de seus acertos até seus erros. Sendo assim, o normal não implica em exemplos de bom comportamento, de decidir sobre o certo ou errado, como por exemplo, no caso de certos líderes políticos ou religiosos que levam outras pessoas a cometerem atos contra si mesmos, daqueles que fabricam bombas atômicas, que destroem o meio ambiente, que agridem ou que matam.

É nesse sentido de normal que o homem se manifesta culturalmente em seu dia-a-dia. Corriqueiramente nos vemos e deparamos com essa dura realidade. A aceitação dessa condição e da atividade real desse homem, apesar de dura, sofrida, revoltante, é o ponto de partida para sua superação, para a desalienação, o engajamento e crescimento, “...na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas”. (REGO, 1999, p.110)

Na perspectiva Vygotskyana, o desenvolvimento humano é mediado e construído socialmente e pelo *outro*, daí a importância crucial do professor dentro do processo educacional como agente “mediador” da aprendizagem humana.

O verdadeiro encontro, na genuína relação da palavra princípio EU-TU, surgirá aproveitando as possibilidades dialogais do cotidiano, favorecendo ao desenvolvimento do homem no sentido de sua verdadeira humanidade. Buber exemplifica, através do pensamento do movimento Hassídico (neo-judaísmo), que se orienta no sentido de que a cada instante se constrói o absoluto do imediato na integração do profano-sagrado.

“O hassidismo não nasceu do ambiente rural, como o cristianismo, mas nos guetos poloneses. Esperava proporcionar aos judeus o conforto para as dificuldades e sofrimento

do destino. Continha uma nova concepção de Deus. Propunha substituir a relação vertical por uma horizontal, o Deus próximo, o Deus presente. Deus esta em todas as coisas do mundo, na Criação. As centelhas divinas do mundo são liberáveis. Quando acontece a liberação, o Deus latente aflora...”. FONSECA FILHO (1940, p.67)

#### 5 - O interhumano

A relação existencial provoca a mutualidade<sup>3</sup> que é uma consciência em ambos e de ambos, uma confirmação de suas próprias individualidades e de suas intersubjetividades. O interhumano encontra-se na intersubjetividade, no verdadeiro diálogo, no intercâmbio da comunicação produto da verdade de um EU-TU.

A vida interhumana nem sempre detém a plena mutualidade. Há insuficiências como por exemplo, na relação aluno-mestre ou médico-paciente e, por que não dizer mestre-mestre, onde a relação nunca poderá ser simplesmente recíproca. O mestre na sua condição de arbitrariedade, pode ter uma exclusividade do aluno na totalidade de seu ser, mas se puder olhar e percebê-lo além da condição inclusiva e “ir até o outro lado”, estará ligado à sua vida unilateral de aluno.

Essa disponibilidade possibilitaria o encontro significativo, professor-aluno, essência de uma relação dialógica. Por exemplo, um dos alunos é o João, que é mais um aluno da sala, da famosa lista de frequência, arbitrariamente, e isso não quer dizer em essência ser algo negativo, mas é concretamente a condição que lhe cabe diante do ensino, ficando bem mais evidente quando se olha a dinâmica do ensino tradicional e massificante. Lembro-me da importância e significado de uma simples apresentação a uma aluna, no momento em que caminhávamos em direção à saída da faculdade. Apresentei-a a um amigo: “...Sérgio, esta é a minha amiga...”, mais tarde, a mesma aluna me revelou surpresa e ao mesmo tempo satisfação, por tê-la mencionado como “minha amiga”. Ressalte-se que o amigo que lhe apresentara, era ex-aluno de uma *classe especial*, e acredito que a mesma não percebeu isso, pois nada lhe falei.

Parece-me que essas experiências assumem, a importância das atitudes e seus significados intersubjetivos, superando a condição pré-humana de categorização e rotulação. O processo inclusão-exclusão na relação de aluno-profes-

<sup>2</sup>Corrente de pensamento iniciada por Sören Kierkegaard, filósofo dinamarquês (1813-1855), na qual se distinguem Martin Heidegger [V. heideggeriano], Karl Jaspers (1891) e Jean-Paul Sartre [V. sartriano.], e para a qual o objeto próprio da reflexão filosófica é o homem na sua existência concreta, sempre definida nos termos de uma situação determinada, mas não necessária - o “ser-em-situação”, o “ser-no-mundo” -, a partir da qual o homem, condenado à liberdade, por já não ser portador de uma essência abstrata e universal, surge como o arquiteto da sua vida, o construtor do seu próprio destino, submetido embora a limitações concretas; filosofias existenciais; filosofias da existência.

<sup>3</sup>Qualidade ou estado do que é mútuo; reciprocidade, permutação, troca.

ador torna-se muito mais complexo, mas não menos possível, se o aluno não consegue ver o ponto de vista do professor sem que se destrua o “relacionamento de ensino”.

Hoje uma das grandes dificuldades em nossos dias, particularmente falando do ensino superior, é se desenvolver um trabalho em parceria, o que nos leva a buscar um processo de trabalho alternativo. O problema é se estabelecer este diálogo interprofissional sem superar os bloqueios advindos dos rótulos e preconceitos existentes.

Abandonar os reducionismos e aceitar nossas inerentes limitações e natural fragmentação das coisas, passa a ser um passo essencial para que se ouça o que o outro tem a dizer, crescendo pela intercomplementaridade próprio da disponibilidade intersubjetiva. Logo é inevitável que esse processo, exija mudança de atitudes e não simplesmente de nomes ou rótulos. Não basta termos uma equipe interdisciplinar, é necessário que, tenhamos uma atitude<sup>4</sup> interdisciplinar, que na verdade não acaba nunca, pois é uma busca para ser alcançada a cada encontro, a cada momento.

Mesmo nas relações limitadas, como professor-aluno, professor-professor, médico-paciente, pai-filho, marido-mulher, o que é indispensável é experimentar o outro lado. Buber aponta para uma perspectiva de responsabilidade no processo interhumano, pois esta, pressupõe que haja o outro.

No entender de Kierkegaard (1813-1855) tornar-se indivíduo significa entrar em relacionamento, tornar-se íntegro e ao mesmo tempo parte de um todo, dispor-se a algo, transpor o próprio EU. Então, a verdade é o indivíduo e a relação, desde de que resista ao impacto do encontro existencial; a verdade é avessa ao “possuir”, mas identificada ao “ser” como fim, ao ser indivíduo na relação existencial.

## 6 - O homem

Quem é o homem, então? Nem o individualista, produto do individualismo, fechado no seu mundo, dos outros e da natureza. Nem o coletivista, produto do coletivismo, que não vê o homem, mas sim, seus dogmas sociais. Ambos não conseguem ver o homem em sua totalidade, pois distorcem ou mascaram o conceito real de ser humano. O

individualista radicaliza-se na sua solidão e mergulha no abandono do cosmo e do reducionismo social. O coletivista entrega sua responsabilidade de ser EU em relação a um TU. Os dois, mantêm uma distância, que os impede de encontros consigo mesmos. Muitas vezes, observamos o abandono de pessoas em função de dogmas coletivos, chegando a tirar a própria vida, optando pela morte como saída para o seu abandono.

A ênfase no interhumano torna-se uma tônica no dizer de Buber, contribuindo decisivamente na compreensão mais humanista da patologia contemporânea do homem, chamado “homem moderno”. Acentuando a importância do “relacionamento” na descoberta do EU, uma forma efetiva de “terapia do relacionamento”, como vemos no comentário de FONSECA FILHO, mencionando uma interseção deste pensamento, também com o do psicólogo Carl Rogers<sup>5</sup> para quem “...quando há completa unidade de experiências em relacionamento, adquirem-se qualidades excepcionais que terapeutas tem anotado como a sensação de um transe. Ambos, terapeuta e cliente, emergem ao fim da hora como vindos do fundo de um túnel. Neste momento existiria, para Rogers, um relacionamento real EU-TU, um viver interminável entre cliente e terapeuta”. (1980, p.29)

## Referências Bibliográficas

- BUBER, Martin, *EU e TU*, São Paulo, Moraes, 1974.  
 FONSECA FILHO, José S., *Psicodrama da loucura - Correlações entre Buber e Moreno*, São Paulo, Ágora, 1980, 3ª edição.  
 REGO, Teresa Cristina, *Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação*, Petrópolis, Vozes, 1999.  
 ROGERS, Carl Ranson, *Tornar-se pessoa*, São Paulo, Martins Fontes, 1977.  
 ———, *Terapia Centrada no Cliente*, São Paulo, Martins Fontes, p. 572-596, 1ª ed. brasileira, 1992.  
 VON ZUBEN, Newton Aquiles, Introdução In BUBER, Martin, *EU e TU*, São Paulo, Ed. Moraes, 1977.

<sup>4</sup>Verbete: atitude. Reação ou maneira de ser, em relação a determinada(s) pessoa(s), objeto(s), situações, e afins.:

<sup>5</sup>Carl Rogers nasceu em Oak Park - Illinois/USA-( 1902/1987), Psicólogo, desenvolveu uma abordagem sobre a personalidade humana denominada de Não-diretiva inicialmente e depois reconhecendo implicações fenomenológicas na sua construção teórica principalmente a partir de Martin Buber, passando a ser denominada de abordagem fenomenológica centrada na pessoa.